

SANGUE NEGRO E A POESIA DE COMBATE DE NOÉMIA DE SOUSA

SOUSA, Noémia de. *Sangue Negro*. Série Vozes da África. São Paulo: Editora Kapulana, 2016.

Fernanda Ely Borba*
Teresa Kleba Lisboa**

A resenha em comento debruçou-se sobre a obra “Sangue Negro”, constituída de 46 poemas de autoria da escritora moçambicana Noémia de Sousa. Tencionando abarcar a profundidade da referida obra literária, recorremos a categorias teóricas próprias dos estudos de gênero e do feminismo negro, com ênfase para: lugar de fala (RIBEIRO, 2017), escrituras (EVARISTO, 2016), tradução (ALVAREZ, 2014), sororidade (LAGARDE, 2007), experiência (SCOTT, 1999), interseccionalidade (CRENSHAW, 2002), (AKOTIRENE, 2018) e alteridade (SEGATO, 2006).

Carinhosamente nomeada como a “Mãe dos poetas moçambicanos” ou a “grande dama da poesia moçambicana”, Noémia de Sousa nasceu no ano de 1926, em Catembe, vila no litoral sul de Moçambique, banhada pelo Oceano Índico, na baía de Maputo.

Símbolo da resistência da mulher moçambicana e africana pela liberdade, Noémia de Sousa utilizou da força e eloquência de sua poesia como poderosa oferta analítica (AKOTIRENE, 2018) para dar voz às opressões a que seu povo foi historicamente exposto pelo sistema colonial Português.

Filha de um caçador alemão e de uma mulher africana de etnia ronga, antes do quinto ano de vida Noémia já havia aprendido a ler, impulsionada pelo incentivo da figura paterna. Aos oito anos de idade, um

acontecimento marcante alterou os rumos da vida de Noémia: face à perda do pai, a família deparou-se com dificuldades financeiras, que a levaram a ter que trabalhar ainda na adolescência, de modo a ajudar na educação dos irmãos. Contudo, Noémia jamais desistiu das artes e da intelectualidade incentivadas desde tenra idade.

Sua obra de densidade ímpar foi constituída ao longo de três anos: de 1948 a 1951, e publicada em jornais africanos. Articulada com outros escritores moçambicanos, a caminhada de Noémia de Sousa destacou-se pela poesia de combate. A potência contestadora da poeta acarretou no exílio dela para Portugal, e posteriormente para a França. Ao longo da vida, Noémia de Sousa lutou ativamente pela independência política do país de origem.

Ao final da vida, após muita insistência de amigas(os) e seguidoras(es) da trajetória poética e política da “grande dama da poesia moçambicana”, Noémia de Sousa teria autorizado a publicação dos poemas por ela concebidos. Deu-se à luz, assim, ao único livro publicado pela autora, cujo título sintetizou com tamanha beleza a força vocativa da poética da voz protagonizada por Noémia de Sousa: *Sangue Negro*².

A escritora faleceu no ano de 2002, em Portugal, e levou consigo a mágoa de não ter sido convidada para

* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bacharel (2004) e Mestre (2007) em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Especialista em Abordagens da Violência contra Criança e Adolescente pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2018). Especialista em Serviço Social: Direitos Sociais e Competências Profissionais pela Universidade de Brasília - UnB/CFESS/ABEPSS (2010).

** Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina, Mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina, Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Pós Doutora pelo Programa Universitário de Estudos de Gênero da Universidade Autónoma de México. Atualmente, Professora Titular Aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina, atuando no Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH)/UFSC) via contrato de adesão voluntária.

² SOUSA, Noémia de. *Sangue Negro*. Série Vozes da África. São Paulo: Editora Kapulana, 2016.

a festa de independência de Moçambique, bandeira de luta que perseguiu incansavelmente durante boa parte da vida.

Organizada em seis seções, respectivamente intituladas “Nossa voz”, “Biografia”, “Munhuana 1951”, “Livro de João”, “Sangue negro” e “Dispersos”, a obra *Sangue Negro* tem como ponto de partida a reivindicação do *lugar de fala* ao povo negro. Tal lugar historicamente postulado pelo segmento protagonista da obra em comento dá visibilidade, segundo Ribeiro (2017)³, às formas pelas quais as opressões estruturais impedem que determinados grupos tenham direito à fala, à cidadania e à humanidade.

Oriundo das contribuições do feminismo negro, do pensamento decolonial e da teoria do *feminist standpoint* – ou ponto de vista feminista –, a terminologia *lugar de fala* tenciona lançar o questionamento sobre quais sujeitos têm o direito à voz em uma sociedade erigida segundo marcadores de diferença social como a raça, o gênero e a classe social (RIBEIRO, 2017). O conceito parte, assim, das múltiplas condições que resultam nas desigualdades e hierarquias que localizam grupos subalternizados.

À luz disso, Noémia de Sousa canaliza as vozes das mulheres negras como meio para a restituição das humanidades negadas a este grupo subalternizado. Trechos do poema “Nossa Voz” (SOUSA, 2016, p. 26-7) revelam-se ilustrativos de tal propósito:

Nossa voz ergueu-se consciente e bárbara
sobre o branco egoísmo dos homens
sobre a indiferença assassina de todos.
[...]
nossa voz, irmão,
nossa voz trespassou a atmosfera conformista da cidade

³ Djamila Ribeiro é filósofa e mestra em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo. Ativista do feminismo negro, é colunista da revista Carta Capital. Foi secretária adjunta de direitos humanos de São Paulo e apresentadora do programa Entrevista, no canal Futura. Realizou palestras na sede da ONU, em Nova York, e em conferências Harvard e Oxford.

⁴ Nascida na década de 1940, em Minas Gerais, Conceição Evaristo é filha de uma lavadeira. Teve de conciliar os estudos com o trabalho como empregada doméstica, até a

e revolucionou-a

arrastou-a como um ciclone de conhecimento.

[...]

Nossa voz gemendo, sacudindo sacas imundas,

nossa voz gorda de miséria,

[...]

Nossa voz gritando sem cessar,

nossa voz apontando caminhos

[...]

nossa voz atabaque chamando

nossa voz, irmão!

nossa voz milhões de vozes clamando, clamando, clamando!

Na análise da obra de Noémia de Sousa, são inegáveis as contribuições signatárias do feminismo negro, dentre elas o enaltecimento da ancestralidade traduzida na simbologia do *Sangue Negro*. Ao largo da tessitura das poesias dedicadamente buriladas por Noémia de Sousa, é demarcada a intencionalidade da escritora de desvelar as chagas do poder colonial e suas derivações de raça, classe e gênero.

É nesse cenário que se torna possível traçar um paralelo entre a obra de Noémia de Sousa e de Conceição Evaristo⁴, notadamente a partir do conceito de *escrevivências* inaugurado por esta última escritora. A abertura do poema “Infância Distante” constitui-se numa pequena mostra desse exercício, quando Noémia de Sousa (2016, p. 42) diz:

Quando eu nasci...
- Eu sei que o ar estava calmo, repousado (disseram-me)
e o sol brilhava sobre o mar.
No meio desta calma fui lançada ao mundo,
já com meu estigma.
E chorei e gritei – nem sei porquê.

conclusão do curso Normal, em 1971, aos 25 anos de idade. Mantinha um diário no qual anotava as dificuldades de um cotidiano marcado por sofrimentos e privações. Tornou-se uma das principais expoentes da literatura Brasileira e no contexto internacional, cujas obras foram traduzidas para diversos idiomas. Aprofunda reflexões em torno das desigualdades de raça e de gênero, mediante o resgate das memórias protagonizadas pela população negra, especialmente pelas mulheres.

Ah, mas pela vida fora,

minhas lágrimas secaram ao lume da revolta.

[...]

O fio condutor das obras de autoria de Conceição Evaristo – cujo expoente materializa-se em “Insubmissas Lágrimas de Mulheres” (EVARISTO, 2016) – consiste na fusão das narrativas pessoais àquelas das mulheres as quais a autora escreve, a partir de temas presentes no universo das mulheres periféricas, a exemplo da violência e do machismo. Se o compromisso com a fidedignidade das narrativas transcritas por Evaristo (2016) não consiste numa preocupação da escritora, a capacidade de tradução – nos termos de Alvarez (2014)⁵ – dos dramas personificados pelas mulheres negras e pobres, e das estratégias de resistência traçadas pelas personagens, é de tamanha potência, que acaba por colocar em xeque a característica ficcional da obra.

Superando a perspectiva tão somente linguística da tradução, Alvarez (2014) explicita que é comum incorrer nas equívocos, nos casos em que a dimensão política-cultural de tal movimento é subestimada. Em vista disso, é notável a sintonia de Noémia de Sousa com tal cuidado, à medida que a obra *Sangue Negro* é costurada por vários termos próprios de Moçambique. Deprendemos disso o intento da

escritora de dar visibilidade à cultura moçambicana em toda a sua riqueza e diversidade.

Irmanadas pelo manancial de sororidade⁶ – um dos grandes adventos do feminismo negro⁷ –, Conceição Evaristo e Noémia de Sousa andam de mãos dadas, mesmo que apartadas por um oceano e por décadas de vida. Um dos eixos conceituais que possibilita tal movimento na obra de ambas as autoras diz respeito à habilidade de arrematar a linguagem poética sob a perspectiva do conceito de experiência.

De acordo com Scott⁸ (1999, p. 27):

Não são os indivíduos que têm experiência, mas os sujeitos é que são constituídos através da experiência. A experiência, de acordo com essa definição, torna-se, não a origem de nossa explicação, não a evidência autorizada (porque vista ou sentida) que fundamenta o conhecimento, mas sim aquilo que buscamos explicar, aquilo sobre o qual se produz conhecimento. Pensar a experiência dessa forma é historicizá-la, assim como as identidades que ela produz.

Sustentada em Pierson (1989), a autora evidencia a experiência como parte integrante da linguagem cotidiana. Imbricada nas narrativas do dia a dia, a experiência caracteriza-se num modo de se falar sobre os acontecimentos, revelando-se algo construído, contado, falado, não simplesmente encontrado.

Scott (1999) denota que a experiência não se configura na origem de nossa explicação, mas aquilo que

⁵ Sonia Alvarez é diretora do Center for Latin American, Caribbean and Latino Studies (CLACLS) e professora de Ciência Política na Universidade de Massachusetts, em Amherst. Dedicou-se aos estudos dos movimentos sociais e protestos políticos, feminismos comparativos e transnacionais, e políticas e culturas latino-americanas, com foco no Brasil e no Cone Sul. Na perspectiva de Alvarez (2014), o conceito de tradução ultrapassa a dimensão linguística. Encampando preocupações político-culturais, incorpora a apropriação dos conceitos, das ideias, das noções políticas em um mesmo contexto cultural, ou de um universo cultural para o outro.

⁶ De acordo com Lagarde (GAMBA; DIZ, 2007), sororidade consiste numa aliança entre as mulheres que viabiliza a confiança, o reconhecimento mútuo da autoridade e o apoio. Importante recuperar que na década de 1970, a escritora norte-americana Kate Millet criou o termo *sisterhood* e, posteriormente a isso, as feministas francesas passaram a empregar a terminologia *sororité*. Constituindo-se na principal difusora do conceito em língua espanhola, Lagarde define *sororidad* como o apoio recíproco entre as mulheres com a finalidade de conquistar o poder para todas. Antropóloga, escritora, feminista, professora, política,

María Marcela Lagarde y de los Ríos é catedrática da Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM). Realiza o estudo de temas ligados ao gênero, feminismos, sexualidade, maternidade, autonomia da mulher, poder. Eleita deputada no Congresso Federal mexicano entre 2003 e 2006, dedicou-se ao impulsionamento dos direitos das mulheres, com ênfase para a visibilidade política do feminicídio.

⁷ A obra de Davis (1981; 2016) recupera, com maestria, a contribuição do feminismo negro à concepção de sororidade. Ângela Davis é filósofa, professora aposentada da Universidade de Califórnia, Estados Unidos, ligada à disciplina de História da Consciência. É ex-integrante do Panteras Negras e estudiosa de temas como: feminismo, marxismo, abolicionismo do sistema penitenciário, teoria crítica e estudos afro-americanos.

⁸ Joan Wallach Scott é historiadora e acadêmica norte-americana, vinculada ao Instituto de Estudos Avançados de Princeton. Uma das maiores estudiosas da temática história das mulheres da perspectiva de gênero, é autora do artigo "Gênero: uma categoria útil de análise histórica", publicado em 1986 no *American Historical Review*, importante referência teórica nos estudos de gênero no Brasil.

queremos explicar, sinalizando, desse modo, a natureza discursiva da experiência. Relacionado a isso, destaca o manancial político alavancado pelo exercício de interpretação inerente ao conceito, posto que a interrogação dos processos pelos quais os sujeitos são criados possibilita a reconstrução da história, abrindo novos caminhos para a mudança.

É indicativo desse movimento os fragmentos do poema “Deixa passar o meu povo”, de Noémia de Sousa (2016, p. 48-50):

Nervosamente,
eu sento-me à mesa e escrevo...
Dentro de mim,
Deixa passar o meu povo,
“oh let my people go...”
E já não sou mais que instrumento
sobre o branco egoísmo dos homens
sobre a indiferença assassina de todos.
[...]

Importante ressaltar ainda que um dos eixos categoriais do qual a poética de Noémia de Sousa é alinhavada reside no conceito de interseccionalidade. Impulsionado por Crenshaw no ano de 2001 (CRENSHAW, 2002)⁹, o conceito de interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e do patriarcado. Permite enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea, o cruzamento e a sobreposição de questões de gênero, raça, etnia e classe, modernos aparatos coloniais. Por conseguinte, configura-se num importante referencial teórico-metodológico para a aproximação da realidade social de sujeitos sociais submetidos a múltiplas formas de desigualdade social.

Em acréscimo, Akotirene (2018, p. 33) reflete que o conceito de interseccionalidade “possibilita compreender a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinações de gênero, de

classe e de raça e às opressões estruturantes da matriz colonial moderna de onde saem”.

Excertos dos poemas “Patrão”, “Maçaíga” e “Moça das Docas” denotam os entrecruzamentos entre raça, classe e gênero que atravessam a vida de seus personagens.

“Patrão” (SOUSA, 2016, p. 70-2):

Ah patrão, eu levantei
esta terra mestiça de Moçambique
com a força do meu amor,
com o suor do meu sacrifício,
com os músculos da minha vontade!

“Maçaíga” (SOUSA, 2016, p. 73):

Maçaíga atordoado acendeu o candeeiro,
à cata das ilusões perdidas,
da mocidade e da saúde que ficaram soterradas,
lá nas minas do Jone...
[...]

“Moça das Docas” (SOUSA, 2016, p. 81):

Viemos...
Ai mas nossa esperança
venda sobre nossos olhos ignorantes,
partiu desfeita no olhar enfeitado do mar
dos homens loiros e tatuados de portos distantes,
partiu no desprezo e no asco salivado
das mulheres de aro de ouro no dedo,
partiu na crueldade fria e tilintante das moedas de cobre
substituindo as de prata,
partiu na indiferença sombria de caderneta...
[...]

Vislumbramos que, se por um lado, a obra de Sousa (2016) remete aos dramas da escravidão, da violência

gênero. Contribuiu na elaboração da cláusula de igualdade da Constituição da África do Sul. Um dos seus artigos integra o Dossiê da III Conferência Mundial contra o Racismo (Durban, 2001), publicado pela Revista Estudos Feministas, nº1, de 2002.

⁹ Professora de Direito da Universidade da Califórnia e da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos. Pesquisadora e ativista estadunidense nas áreas dos direitos civis, da teoria legal afro-americana e do feminismo. Responsável pelo desenvolvimento teórico do conceito de interseccionalidade entre as desigualdades de raça e de

e da opressão a que o povo negro historicamente é subjugado, ao mesmo tempo é “trespassada” – parafraseando a autora – pelo sentido da esperança.

Ao longo da obra, é possível depreender que a esperança se constrói conectada à alteridade. Esta última categoria é entendida por Segato (2006)¹⁰ enquanto definidora da existência do indivíduo a partir da relação com o outro. Ou seja, não pode haver indivíduo se não houver uma relação estabelecida entre ele e outro(s), afirma a autora.

Os fragmentos dos poemas “Descobrimento”, “Carta” e “Moça das Docas” são reveladores da perspectiva de Noémia de Sousa ao mirar a esperança:

“Descobrimento” (SOUSA, 2016, p. 98):

Quando a tua mão macia e serena de branco
se estendeu fraternalmente para mime através de Índico de
preconceitos
apertou com carinho meus dedos mulatos enclavinados;
quando teus olhos inchados de compreensão
pousaram no mapa doloroso do meu rosto de África;
[...]
ah, quando a tua voz doce e fresca como um lanho
me trouxe a bandeira branca da palavra “IRMÃ”,
[...]
Ah, amigo, quando a tua mão certa e serena de branco
procura o desespero da mão sem rumo...

“Carta” (SOUSA, 2016, p. 98):

Companheiro branco,
de sorriso de abraço,
de olhos claros de esperança...
Não queremos que te fiques no caminho,
Vencido e cansado, sem um carinho...
Que tu mesmo nos ensinaste
que Povo é sempre Povo, em qualquer pedaço do mapa!
Portanto, que importa que estejas cá ou lá,
se a luta é a mesma em toda a parte?

“Moça das Docas” (SOUSA, 2016, p. 82):

Agora, vida, só queremos que nos dês esperança
para aguardar o dia luminoso que se avizinha
quando mãos molhadas de ternura vierem
erguer nossos corpos doridos submersos no pântano,
quando nossas cabeças se puderem levantar novamente
com dignidade
e formos novamente mulheres!

Em suma, do conjunto dos poemas de Noémia de Sousa reunidos em *Sangue Negro*, é enaltecida a coragem e a força política da autora para, através da arte, reivindicar a independência de Moçambique, e a libertação de seu povo do jugo da exploração colonial. É nessa toada que a autora valeu-se da poesia de combate como importante recurso para trazer à tona os dramas das(os) conterrâneos, e o clamor pela solidariedade inter-racial e alteridade como vetores para a transformação social.

A perspicácia e tenacidade de Noémia de Sousa ao sintetizar em 46 poemas, redigidos no decurso de 03 anos, projeto literário em prol do processo independentista perseguido ao longo da vida de independência de Moçambique traduzem-se num convite à leitura atenta e demorada de *Sangue Negro*.

Referências

SOUSA, Noémia de. *Sangue Negro*. Série Vozes da África. São Paulo: Editora Kapulana, 2016.

AKOTINERE, Carla. *O que é Interseccionalidade?* Coleção Feminismos Plurais. Belo Horizonte: Letramento/Justificando, 2018.

ALVAREZ, Sonia E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. In: *Cadernos Pagu*. Campinas/SP: Núcleo de Estudos Pagu, n. 43, janeiro-junho de 2014, pp. 13-56.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos de discriminação racial relativos ao gênero. In: *Revista Estudos Feministas*. V.1. N. 1. Florianópolis: UFSC, 2002. pp. 171-188.

¹⁰ Antropóloga e feminista argentina. Debruça-se sobre o estudo de questões de gênero nos povos indígenas e

comunidades latino-americanas, violência de gênero e as relações entre gênero, racismo e colonialidade.

DAVIS, Ângela. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016 [1981].

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

LAGARDE, Marcela. Sororidad. In: GAMBÁ, Susana; DIZ, Tania. *Diccionario de Estudios de Género y Feminismos*. Buenos Aires: Biblos, 2007.

RIBEIRO, Djamilá. *O que é Lugar de Fala?* Coleção Feminismos Plurais. Belo Horizonte: Letramento/Justificando, 2017.

SEGATO, Rita Laura. Antropologia e direitos humanos: alteridade e ética no movimento de expansão dos direitos universais. *Revista Mana*. v. 12, n. 1. Rio de Janeiro: UFRJ, Abr. 2006. pp. 207-236.

SCOTT, Joan. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Orgs). *Falas de Gênero*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. pp. 21-55.